



# Budapestre vonatkozó újságcikkek

Szerző: Silva, Fernando Emypais da  
Cím: Turismo, ouro dos outros...

Forrás: Diário de Notícias

Lisbone 1925. g. 25.

(Hely)

(Idő)

(Köt. v. fiz.) (C)

Osztályozás

Tárgy

910.2

Hely

Idő

"1925"

Személy

## O DESLEIXO NACIONAL

# TURISMO, OURO DOS OUTROS...

BUDAPEST, 25 de Junho.

Não creio que, nos movimentados tempos do condé Tisza, a Camara dos Deputados da Hungria discutisse, como hoje fez, questões de turismo. Então o turismo tinha ali, como expressão material, os tinteiros e os copos de agua, que voavam adrede das mãos dos senhores deputados até á cabeça dos seus pares, com um poder sugestivo que o Parlamento primou sempre em tornar superior ás melhores regras da dialectica, e que (diga-se de passagem) falta inteiramente á compreensão das galerias, quando nelas alguém, não iniciado, como eu, no misterio das falas húngaras, da discussão verbal só apreende qualquer irradiante projecção do gesto...

*Quantum mutatus ab illo...*

Hoje, na camara magiar, o deputado radical Warsongi falou pacatamente de turismo. E' o que benevolmente me informa, pelo menos, na vizinhança da galeria, o saber filologico, não sei aliás se garantido, de um natural do país...

Não percebi, claro é, o que o deputado Warsongi disse no Orszagház sobre turismo.

Mas esse resultado negativo não difere em muito do que em assembleias varias, de notorio conhecimento nosso, me tem acontecido com audições sobre essa e outras materias, e sem a atenuante de se poder aplicar a jurisprudencia que me obriga, até prova em contrario, a considerar, aqui, como excelente, o que só a falta de uma tradução adequada me não deixou filtrar até um entendimento cabal.

O que diria, de resto, o deputado Warsongi?

Diria mal das estradas? Não creio; as estradas húngaras são caminhos traçados na carta da Europa. Diria mal dos hotéis? Não creio ainda; Budapest estende ao longo do rio uma soberba e se-

gura dezena de palaces. Diria mal dos comboios? Não creio tambem; os comboios obedecem ao seu horario e possuem, interiormente, todo o conforto das carruagens germanicas. Diria mal da cidade? Não creio, finalmente; a cidade, onde resplandecem as grandezas do Oriente, tem todos os seus serviços publicos montados com civilizados primores. Não lhe falta a agua, nem o metropolitano, nem os auto-omnibus, nem um parque, nem as pontes sobre o rio, nem os boulevards, nem os museus, nem os funiculares e as cremalheiras, nem o leito polido das ruas asfaltadas...

Talvez o deputado em questão, falando de turismo, interpelasse a Natureza esquivada...

A natureza—que não ondulou a terra com a graça amavel de outras terras distantes. A natureza—que lhe não deu, com a fertilidade, a variação e o pitoresco. A natureza—que lhe negou as apetecidas branduras do clima, temperando os rigores de agosto e de janeiro. A natureza—que a não dotou com o acesso do mar. A natureza, enfim—que lhe não permite, fóra de um estreito raio de acção que tem como fulcro a cidade, dispersar para outros pontos de atracção, espalhados adrede pelo territorio nacional, as correntes precarias, cedo fugidas, da curiosidade alheia.

Se o deputado Warsongi pontificasse em S. Bento, suponho bem que teria de falar—uma lingua diversa...

Nem em S. Bento se entende hungaro.

Nem em S. Bento se percebe que as estradas logrem ser transitaveis, a rede de comboios sufficiente, os hotéis habitaveis,

os serviços publicos convenientemente instalados.

Nem em S. Bento se pode culpar a natureza, que fez brandos os costumes como o clima: o clima que dá aí as mesmas flôres em todo o ano; os costumes que dão tambem os mesmos deputados em todas as legislaturas. Primavera eterna. E resignação sem limites.

Nem em S. Bento, de resto, (questão prévia que parlamentarmente tudo revolve e decide) é uso falar de questões destas.

Turismo, em S. Bento—não será hungaro. Mas é latim...

\*

E, no entanto...

Talvez valesse a pena falarmos de turismo.

Não para pedir, como é de uso, a ponte sobre o Tejo, a avenida até Cascais, a electrificação de todos os nossos caminhos de ferro, a construção de mil e seiscentos hotéis, um funicular para todos os montes, a reparação imediata de todas as estradas, a construção em Lisboa de um segundo palacio do Louvre. Ou para não esquecermos o mais divertido: essa ideia peregrina do *cais da Europa*, como se fazer um *cais na Europa* já não fosse trabalho meritorio, e como se o ca-

nal de Panamá fosse o escoadouro, necessario e dirigido até ás aguas do Tejo, para as aguas e para as gentes do Pacifico...

E' evidente que remetemos para domínios fantasticos e absurdos toda esta cadadupa de diálatos.

Tambem (*pro pudor*) não queremos, logo em dois dias, por modestia, roubar á França e á Italia todos os seus romeiros habituais: a França que, pela sua cidade-mundo e pela variedade da configuração natural, é o fulcro mesmo da curiosidade humana; a Italia que, pelas belezas do solo, pelas tradições do Imperio, pelos fulgores da Renascença e pela desconcentração do seu patrimonio artistico é, toda ella, um jardim e um museu...

Falemos de turismo...

Mas sem perder o sentimento das proporções.

\*

...Que dentro do possivel—direi mais, dentro de faceis designios—há, neste particular, horizontes largos diante de nós. Quem os não vê?

Mas quem não vê tambem que se não pode falar em turismo enquanto os hotéis e as estradas sejam, de um modo geral, o que albergarias e caminhos são ainda em terra nossa?

E quem não vê, tambem, que o problema do turismo, mais talvez do que os outros problemas economicos, está condicionado á causa mesma da ordem publica—entre nós, tão abalada, tão precaria, tão contingente, tão pouco de inspirar a confiança alheia na segurança e no sossego de umas férias tranquilas?

Assim é que...

Nem sei quasi se alguém me ouvirá, neste periodo entre todos glorioso da historia patria, que vai do orçamento não votado aos duodecimos por votar e depois ás eleições (com transitio que adivinho por um vespeiro de boatos) quando estou aqui revolvendo esta velha e esquecida poeira...

Assim é que...

Nem sei se de algo poderá servir uma lembrança que neste momento me ocorre e suponho que nunca foi seriamente considerada: a necessidade, em materia de turismo, de ligarmos a nossa propa-

*ganda é da Espanha*, pela razão simples de que as duas nações da Península não-de ser predominantemente visitadas em conjunto. E' o caso da Suecia e Noruega. E' o caso ainda, aqui, da Hungria e da Austria.

E quanto a realizações imediatas, longe dos fumos da divagação e do sonho...

Por que razão sobrenatural não será possível fazer do pequenino triangulo de Lisboa-Sintra-Cascais, com hotéis em seus vertices e verdadeiras estradas em seus lados, um pequenino extracto concentrado de civilização e comodidade? Não é esse triangulo, porventura, o roteiro assegurado de noventa e cinco por cento dos nossos visitantes? E não haverá meio, nessa singela figura da geometria linear, ao menos, de podermos justificar a nossa identidade europeia, para estranhos assim mais apeticidamente contraprovada do que pelas viagens do Gama, necessariamente incomodas, ou pelas façanhas de Nun'Alvares, hoje apagadas na Rotunda?

Francamente...

Não são os trabalhos de Hercules.

\*

E com igual franqueza, também...

Talvez valha tentá-lo. Cem mil turistas, gastando vinte libras por cabeça, seriam dois milhões de libras a dar entrada em Portugal.

Deus meu! Como faz pena, vista de tão longe, essa mina de nova especie—essa mina fulgurante tão facil de encher pelo ouro dos outros—e que o nosso desleixo, a nossa incapacidade, a nossa criminosa incuria ameaça de converter em terras de ninguem!...

**FERNANDO EMYGDIO DA SILVA.**